

# Religião e multiculturalismo: o diálogo como categoria central na teologia contemporânea

Religion and multiculturalism: dialogue as a central category in contemporary theology

*Celso Gabatz\**

**Resumo:** A partir da afirmação da globalização e do multiculturalismo como características definidoras da sociedade atual, o presente artigo destaca o diálogo como categoria fundamental da reflexão teológica contemporânea. A crise econômica global remete a uma crise fundamental de relações do ser humano com sua realidade social. Impõe-se retomar o diálogo com base em novos paradigmas. O diálogo torna-se uma exigência para as diferentes tradições religiosas. O artigo busca compreender como nos últimos anos o pensamento teológico, tomando a categoria *diálogo* como eixo norteador tem evoluído do ecumenismo à teologia pluralista e como, neste movimento, se abrem novas perspectivas não somente para a reflexão teológica, mas, sobretudo, para a construção de um novo paradigma ético global.

**Palavras-chave:** religião; globalização; multiculturalismo; diálogo;

**Abstract:** From the statement of globalization and multiculturalism as defining characteristics of the current society, this article highlights the dialogue as a fundamental category of contemporary theological reflection. The global economic crisis refers to a fundamental crisis

---

\* Mestre em História Regional pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo-RS. E-mail: gabatz@uol.com.br

of human relations with their social reality. It must be resuming dialogue based on new paradigms. The dialogue becomes a requirement for the different religious traditions. The article to understand how in recent years the theological thought, taking the dialogue category as a guideline has evolved to pluralistic theology of ecumenism and how, in this movement, open new perspectives not only for theological reflection, but above all for building a new global ethical paradigm.

**Keywords:** religion; globalization; multiculturalism; dialogue;

## Introdução

A vida em sociedade nos seus diversos aspectos exige um total reconhecimento do pluralismo cultural. No passado, como revela a história, por vezes, acabava-se excluindo da convivência social aqueles e aquelas que pensavam ou viviam de modo diverso das assertivas da fé cristã. Hoje o reconhecimento das diferenças através do diálogo parece ser a chave hermenêutica para a erradicação dos extremos etnocêntricos que podem redundar em conflitos.

Não existem culturas “completas” em todos os seus aspectos. A cultura judaica, islâmica, hindu, africana ou indígena, por exemplo, sempre serão realçadas por particularidades históricas, permeadas por princípios culturais e sublinhadas por vivências e adesões de caráter pessoal. Ao ter consciência da sua incompletude, uma cultura pode abrir-se para o diálogo. É nesta relação dialogal das culturas que acontece a complementação e a reciprocidade indispensável à promoção humana.

O relacionamento entre culturas e o seu permanente diálogo descortina verdades que tem seu valor e devem ser consideradas. As culturas são dinâmicas e, portanto, estão em constantes transformações. De acordo com a opinião do sociólogo Anthony Giddens, as discontinuidades que marcam a distinção entre os modos de organização de vida das sociedades tradicionais em direção as instituições modernas tem a ver com a autonomização dos sujeitos, com o avanço da racionalização e a diferenciação institucional. Estaria em evidência, portanto, um processo que demarcaria uma crise da memória social.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existe, obviamente, continuidade entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equivocado pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos – um diminuto período de tempo histórico – foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las.<sup>1</sup>

Compreender esta realidade é fator preponderante para que se evitem comportamentos preconceituosos bem como para que se viva o respeito à alteridade, buscando o entendimento e almejando a reciprocidade no mundo contemporâneo. Neste sentido, é importante destacar que a teologia produzida dentro de um contexto de pluralismo cultural não poderá ficar à margem desta realidade. Cabe-lhe, por um lado, ser crítica e criativa e, por outro, construtiva e promotora da equidade e da paz. Por razões de herança cultural, tem-se a tendência de hierarquizar as diferenças, valorizando uns em detrimento de outros.

A contemporaneidade tem sido marcada, em grande medida, pela ciência e pela técnica, pelos nacionalismos e a intolerância. A comunicação em suas diversas possibilidades pode favorecer o intercâmbio cultural e religioso. Tais transformações impactam também no modo como as pessoas cultivam sua religiosidade e consolidam suas verdades e valores.<sup>2</sup> Muito do que acontece hoje no cenário religioso atual escapa às concepções usuais de religião, habitualmente trabalhadas pelos estudiosos. Há que se ter uma análise mais aprofundada e abrangente para dar conta da realidade que se apresenta.

<sup>1</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 14.

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

O que acontece no campo religioso hoje, longe de ser um movimento único, organizado, com filosofia e propósitos definidos, tem muito mais a ver com a ideia de mudança, algo em constante movimento. A religião não fica mais somente na igreja e na comunidade original, mas se desloca para outros lugares, assume novas feições e formas de vivência. [...] A religião encontra-se 'em tudo', penetrando as múltiplas dimensões de vida do sujeito, do cuidado da saúde à busca de novos laços societários, ampliando as experiências singulares e realçando as adesões provisórias.<sup>3</sup>

As migrações, o avanço de novas modalidades de comunicação e a diluição das fronteiras, suscitaram novos caminhos de interação nas sociedades contemporâneas. Neste contexto, parece ser pouco adequado imaginar uma suposta homogeneidade, mono cultura ou mono religiosidade. O mundo globalizado caracteriza-se por suas referências multiculturais, pela diversidade e pluralidade. O desafio que surge a partir das atuais relações do ser humano com a criação, com os seus semelhantes, com ele mesmo e com o próprio Deus, tem a ver com a ampliação das interações, a busca da solidariedade e o exercício do diálogo.

## 1. Os Paradoxos Religiosos da Contemporaneidade e o Multiculturalismo

Existe uma perspectiva analítica a propor uma compreensão onde as identidades modernas estariam entrando em colapso. Que as mudanças nas sociedades modernas fomentariam a fragmentação das paisagens culturais que, no passado, tinham fornecido sólidas localizações aos indivíduos sociais.<sup>4</sup> Corroborando com esta perspectiva, Stuart Hall, pondera:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e

---

<sup>3</sup> GUERRIERO, Silas. *Novos Movimentos Religiosos*. O Quadro Brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 24.

<sup>4</sup> BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.<sup>5</sup>

Estas transformações além de mudar as identidades pessoais também estariam abalando a ideia que temos de nos mesmos como sujeitos integrados. A perda de um sentido estável seria um “deslocamento” do sujeito tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, compondo esta “crise de identidade”.<sup>6</sup>

Hall entende que a chamada “crise de identidade” estaria subjacente a uma questão fundamental: a concepção de sujeito e, consequentemente, a definição de uma identidade inerente. Pois, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.<sup>7</sup>

É possível compreender que uma identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente seria uma fantasia. Na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o indivíduo passa a ser confrontado com uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis. Uma identidade supostamente unificada seria apenas de cunho particular ou pessoal, um alicerce para descortinarmos uma história mais tranquila acerca de nós mesmos.<sup>8</sup>

O multiculturalismo, por sua vez, seria um fenômeno que agrega valores às sociedades de forma a garantir a harmonia jurídica e social diante da diversidade cultural, que constitui seu principal lema de defesa e proteção. Falar em multiculturalismo implicaria discutir as culturas e a sua influência no decorrer da história.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 07.

<sup>6</sup> *Ibidem.* p. 9.

<sup>7</sup> *Ibidem.* p. 9.

<sup>8</sup> *Ibidem.* p. 13.

<sup>9</sup> TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

Reconhecer diferentes identidades é um dos grandes desafios inerentes às sociedades multiculturais. No multiculturalismo há uma mescla de visões de mundo e de valores. O multiculturalismo não seria a fragmentação do mundo em espaços culturais segmentados em âmbito nacional ou regional, mas a combinação da diversidade de muitas experiências culturais que geram a produção e a difusão de bens culturais. O multiculturalismo encontra-se vinculado, entre outros aspectos, com a diversidade étnica, com a multiplicidade racial, com os hibridismos, as políticas de inclusão e cidadania, as questões de gênero.<sup>10</sup>

É importante ressaltar que Stuart Hall pontua de forma crítica a perspectiva multicultural e o multiculturalismo ao afirmar que:

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade 'original'. [...] multiculturalismo é um termo substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais.<sup>11</sup>

Como sociedade multicultural e pluriétnica, o Brasil apresenta uma complexa teia de questões em relação à classe, gênero, etnia, religião, poder, etc. Um mesmo indivíduo vive, simultaneamente, diferentes caminhos e possibilidades a partir do seu contexto e cotidiano.<sup>12</sup> Encontra-se inserido em um emaranhado de relações e identidades multiculturais independentemente da posição social que ocupa.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.

<sup>11</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 50.

<sup>12</sup> FERRETTI, Sergio F. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 1996.

<sup>13</sup> A pesquisadora, militante feminista e Doutora em Direito, Rosângela Angelin, com muita propriedade, refere em um artigo acerca do reconhecimento da identidade multicultural diante da dignidade da pessoa humana que uma das principais controvérsias inerentes ao tema seria “até que ponto uma cultura pode intervir sobre outra se utilizando da prerrogativa de estar buscando a proteção e promoção da *dignidade* da espécie humana”. Nesta mesma direção, em outra parte do estudo, a autora enfatiza que a “construção da *identidade* respeitando as *diferenças* é um processo bastante complexo, principalmente

Como afirma Jose Maria Vigil,<sup>14</sup> no final do século passado, a maior parte da sociedade planetária se fez pluricultural e plurirreligiosa. Desapareceram as sociedades cultural e religiosamente homogêneas, questionando a pretensão de universalidade e totalidade das respostas teológicas tradicionais. Novas perguntas, surgidas de uma nova consciência antropológica e planetária, exigem novas respostas das diferentes tradições religiosas. Um mundo pluriconfessional parece exigir uma teologia que supere exclusivismos doutrinários para encarar com coragem os desafios derivados desta nova realidade global.

Diante de um mundo atormentado pela fome, a injustiça, a miséria, a exclusão e o abuso de poder, as religiões são convocadas a assumir uma nova perspectiva: a salvaguarda da humanidade e da criação. Existe uma causa comum motivadora do diálogo, a luta contra o sofrimento humano e a destruição do planeta. Há um caminho ético comum a todas as tradições religiosas, o equilíbrio entre os interesses por si mesmos e pelos outros. O diálogo passa a ser um conceito central na reflexão teológica contemporânea.

A convicção do renomado teólogo alemão, Hans Küng é de que não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. A questão é saber como deveria ser a natureza deste diálogo e as possibilidades reais para que ele aconteça. O diálogo não é uma opção, mas uma necessidade, uma urgência, um imperativo.

---

se considerando que a tendência da maioria dos grupos sociais é a de ‘colonizar’ o outro, buscando criar uma ‘monocultura’, inclusive no que se refere ao conceito de *dignidade humana*. Para isto, o contexto social e o poder imbuído nas relações sociais do capitalismo vigente tem se encarregado, de forma bastante incisiva, de hierarquizar as *identidades* combatendo as *diferenças* e buscando ‘unificar’ mundialmente sua cultura de dominação e subordinação da maioria dos povos”. Por fim, acrescenta que “a busca pela *dignidade da pessoa humana* na sociedade multicultural pode ser viabilizada através dos Direitos Humanos e Fundamentais, perpassando também pelo caminho da democracia, garantindo que cidadãos e cidadãs possam decidir sobre políticas públicas, criação de leis e outras decisões do Estado”. ANGELIN, Rosângela. O Reconhecimento da Identidade Multicultural diante da Dignidade da Pessoa Humana. In: MADERS, Angelita; ANGELIN, Rosângela (orgs.). *Multiculturalismo em Foco*. Santo Ângelo, FuRI, 2010, p. 21; 31-32.

<sup>14</sup> VIGIL, José Maria. Por uma espiritualidade pluralista da libertação. In: BARROS, Marcelo; TOMITA, Luiza Etsuko (orgs.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não haverá de sobreviver, se não houver um *ethos* global, uma ética para o mundo inteiro.<sup>15</sup>

A existência de culturas e grupos diversos em um mundo globalizado leva à questão de como construir uma sociedade democrática, justa e que, ao mesmo tempo, permita conciliar o direito à diferença e o direito à igualdade. Em outras palavras, que possibilite a convivência dos diferentes com suas diferenças num contexto que supere a violência, a hierarquia, as exclusões e inclusões perversas, as subordinações, as desigualdades econômicas e sociais, as exclusões culturais, as ambiguidades e os fundamentalismos religiosos.

## 2. A Laicização do Estado Brasileiro e a Pluralidade Religiosa

Diversos estudos como, por exemplo, Montero & Almeida,<sup>16</sup> Steil<sup>17</sup> e Matos<sup>18</sup> descortinam situações de intolerância em que as religiões, sobretudo aquelas ligadas ao contexto afro descendente, foram perseguidas de forma mais incisiva. Terreiros de candomblé, umbanda, macumba, rodas de tambores, benzeduras e curandeirismo eram atacados inclusive sob a acusação de charlatanismo, taxados como um problema de saúde pública e, por conseguinte, criminalizadas.<sup>19</sup>

De acordo com Ronaldo de Almeida e Paula Montero:

A relação do Estado com as outras religiões pautou-se, portanto, por um padrão legal que respondia às relações históricas entre

<sup>15</sup> KÜNG, Hans. *Para que um Ethos Mundial?* São Paulo: Loyola, 2005. p. 280.

<sup>16</sup> MONTERO, P. & ALMEIDA, R. "O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas" In: RATTNER, H. (org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: EDUSP, 2000.

<sup>17</sup> STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações no Campo Religioso. *Ciencias Sociales Y Religión*, Porto Alegre, año 3, n. 3, out. 2001, p. 115-129.

<sup>18</sup> MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. Belo Horizonte, O Lutador, 1997.

<sup>19</sup> ORO, Ari Pedro. In: SILVA, V.G. da. *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 29-70.

a Igreja Católica e o Estado. Estabeleceu-se um modelo legítimo de reconhecimento da religião pautado no cristianismo que foi incapaz de reconhecer nestas formas religiosas confissões a serem respeitadas.<sup>20</sup>

Ainda que com a proclamação da República tenha sido proposta uma agenda que propunha a distinção entre as esferas civis e religiosas, numa separação entre Estado e Igreja, a liberdade e a tolerância religiosa como valores fundadores, a mesma não deixou de estar impregnada das discussões religiosas, preocupando-se durante muito tempo em regular os direitos e os espaços das religiões. Apesar do movimento de laicização do Estado brasileiro, “em nenhum momento ou lugar, as religiões deixaram de ser uma ‘questão de Estado’”.<sup>21</sup>

Em muitas nações católicas, a passagem para a segunda metade do século XX foi um momento marcado pelo desejo das próprias comunidades católicas de uma ampla reforma litúrgica. Isso se traduziu nos primeiros esforços efetivos tomados durante o pontificado de Pio XII (1939-1958) de aproximação com os grupos mais afastados da Igreja e, assim, de um maior diálogo com as religiosidades nativas e populares, abrindo a possibilidade de um melhor entendimento com outras denominações religiosas.<sup>22</sup>

Com a morte de Pio XII, João XXIII (1958-1963) assume o cargo máximo da Igreja Católica, trazendo consigo a missão de realizar uma ampla reforma na Igreja. A intenção de realizar um concílio ecumênico tinha o objetivo de reestruturar a Igreja Católica para os novos tempos, deixando de lado condenações, maldições e resistências à sociedade moderna.<sup>23</sup>

Leonardo Boff em sua tese doutoral, realizada em 1969, chegou a aprofundar a perspectiva da Igreja como sacramento em diálogo com

---

<sup>20</sup> MONTERO, P. & ALMEIDA, R. “O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas” In: RATTNER, H. (org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 328.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 326.

<sup>22</sup> GEFFRÉ, Claude. *Croire et interpréter: le tournant herméneutique de la théologie*. Paris: Cerf, 2001.

<sup>23</sup> LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.

as demais expressões religiosas da época.<sup>24</sup> Ele acentua a significação salvífica das religiões mundiais como “caminhos” para a divindade e aponta a necessidade do diálogo e do apredizado recíproco. Reconhece e sinaliza a importância do pluralismo das religiões não como expressão confusa ou distante da graça divina, mas como sinal

da riqueza do ser humano, das suas experiências e interpretações da realidade, que inclui a religião enquanto resposta do ser humano à iniciativa salvadora de Deus (...). Assim as religiões são caminhos de salvação em direção a Deus com base na história da salvação sacramentária geral.<sup>25</sup>

De acordo com a proposta apresentada por Leonardo Boff, ainda que marcada por uma perspectiva bastante eclesiocêntrica, haveria uma sacramentalidade geral e especial nas religiões que traduziriam a experiência da graça de forma mais qualificada no âmbito da fé cristã.

É importante ressaltar que para João XXIII o Concílio deveria servir à unidade de todos os cristãos, limpando assim “a atmosfera de mal-entendidos, desconfiança e inimizade que, durante séculos, tinham obscurecido o diálogo entre a Igreja Católica e outras Igrejas cristãs”.<sup>26</sup> A política de *aggiornamento*<sup>27</sup> como colocada por João XXIII, tinha por objetivo a atualização da Igreja e sua inserção no mundo moderno.

O princípio a orientar o Vaticano II de uma forma mais ampla e geral, de acordo com as palavras da pesquisadora austríaca, Ingeborg Gabriel, é a “hermenêutica do reconhecimento”. Este reconhecimento não seria apenas uma exigência em direção a uma tolerância em uma sociedade cada vez mais diversificada e plural, mas uma exigência da

---

<sup>24</sup> BOFF, Leonardo. *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*. Paderborn: Verlag Bonifacius-Druckerei, 1972.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>26</sup> MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. p. 300.

<sup>27</sup> Representava o objetivo fundamental do Concílio no sentido de enfatizar uma perspectiva de atualização da Igreja em relação a temas, como por exemplo, a reforma litúrgica, a sua ação pastoral, a defesa da liberdade religiosa, o empenho para com o ecumenismo e o apostolado leigo. A obra de ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1996, retrata de forma profunda e detalhada este momento histórico importante do catolicismo.

própria teologia vivenciada de forma coerente e capaz de fomentar uma unidade entre a ética e o evangelho em direção a um horizonte de justiça e amor.<sup>28</sup>

A hermenêutica do reconhecimento significa o reconhecimento de novos sujeitos e suas vozes: mulheres, jovens, os pobres e as culturas em um mundo pluralista. Suas vozes devem ser reconhecidas como vozes no mundo moderno (...) e também como vozes na Igreja de hoje (...) e isso prepara o terreno para uma Igreja que ensina, mas também aprende. Igreja que tem apreço pelos pobres e sua própria pobreza e humildade (...) que opera no mundo do conhecimento com *sobriedade* (...) *austeridade*, (...) *simplicidade*, (...) *agilidade mental*, *castidade intelectual*, (...) mas também *magnanimidade* e *generosidade cultural* (...) significa uma Igreja aprendente (...) com a humanidade e sua história.<sup>29</sup>

As profundas inovações convergentes no Concílio Vaticano II não se instalaram de forma imediata na sociedade, e também não foram decididas sem conflitos. Vários modelos eclesiológicos estavam em jogo.<sup>30</sup> A abertura ao diálogo com o mundo contemporâneo e com as outras religiões ocorreu num período de maior aprofundamento das transformações em trânsito no século XX, e conseqüentemente de um profundo deslocamento do lugar na religião e da cristandade nas sociedades. No caso de muitos países ocidentais, incluindo o Brasil, a cristandade deixaria de ser o eixo estruturante do conjunto social, para que agora tivesse que “conquistar com suas próprias forças um espaço, a partir da consciência individual, não obstante sua marginalização na vida pública”.<sup>31</sup>

Há que ser observado o reconhecimento das identidades locais, o protagonismo e a abertura ao pluralismo religioso sempre são impactados por resistências e dificuldades. Sobretudo em tempos

<sup>28</sup> GABRIEL, Ingeborg. *Erinnerung na die Zukunft*: Das Zweite Vatikanische Konzil. Freiburg i. B.: Herder, 2012. p. 601-620.

<sup>29</sup> FAGGIOLI, Massimo. “*Gaudium et Spes*” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente. São Leopoldo: IHU/UNISINOS, Ano XII, n.95, Vol. 12, 2015. p. 17-18.

<sup>30</sup> PALÁCIO, Carlos. Trinta anos de teologia na América Latina. In: L.C.SUSIN (Org.). *O mar se abriu*: trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola/SOTER, 2000. p. 63.

<sup>31</sup> MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. p. 341.

de acirramento das identidades particulares ou locais com a grande radicalização etnocêntrica, inúmeros obstáculos são contrapostos ao esforço teológico de pensar o pluralismo religioso de forma mais aberta.

Os meandros inerentes ao pluralismo evocam crises nas estruturas de plausibilidade que buscam assegurar o lugar das identidades singulares e das comunidades de sentido.<sup>32</sup> São os sistemas de crença que se encontram confrontados com a insegurança na medida em que noções territoriais são diluídas, fronteiras dogmáticas aplainadas, diretrizes de pertencimento reconfiguradas. Há uma relativização dos conteúdos religiosos que entabulam novas perspectivas, modelos e caminhos, nem sempre marcados pelo respeito, a tolerância e a alteridade.

A convivência com outras denominações religiosas (cada vez mais diversas e numerosas) e o acolhimento das manifestações “populares” necessita levar em conta as transformações na configuração do campo religioso brasileiro com o enfraquecimento da hegemonia católica. Este aspecto motiva ainda mais para que a liberdade religiosa venha a ser uma experiência de espectro mais amplo e a tolerância com outros credos uma prática estratégica.<sup>33</sup>

É relevante destacar que a contemporaneidade tem sido marcada pela perda de credibilidade dos grandes sistemas religiosos, permitindo a fragmentação e a quebra de sua homogeneidade. Múltiplas são as possibilidades de expressão sem seguir os contornos demarcados pela instituição. Forja-se um horizonte de vastas possibilidades onde, de acordo com Paulo Barreira Rivera:

Nas sociedades contemporâneas não há mais campo religioso estável, e os compromissos de longa duração deixaram de ser norma. Diversos tipos de opções religiosas e múltiplos produtos religiosos são oferecidos dia a dia nos templos e nos meios de comunicação.

<sup>32</sup> HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>33</sup> MONTERO, P. & ALMEIDA, R. “O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas” In: RATTNER, H. (org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 330.

Religião exclusiva é coisa do passado. O sagrado apresenta-se multi-forme, pouco hegemônico e, sobretudo, em constante movimento.<sup>34</sup>

Uma das questões pertinentes na discussão em pauta é a partir de quais referências poderia ser possível compreender com maior clareza as profundas mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro? De igual forma, qual o sentido das repercussões nos usos e as apropriações do espaço público por uma religiosidade historicamente consolidada? Qual o papel ocupado pela religião em meio às transformações da sociedade moderna?

### 3. O Diálogo Ecumênico

O movimento ecumênico surge perante o desafio do testemunho nas missões durante o século XIX. A necessidade de superar as divisões entre as igrejas teve seu momento mais alto com a Assembleia de Edimburgo, de 1910, marco oficial do movimento ecumênico.<sup>35</sup> Duas conferências surgiram dessa iniciativa. A primeira, chamada Vida e Ação, e inspirada na teologia liberal, tinha uma orientação pastoral e social; a segunda, chamada Fé e Constituição, e inspirada na teologia dialética, tinha uma orientação doutrinal.

Em maio de 1938, membros das duas conferências, reunidos em Utrecht, criaram o Comitê Provisório do Conselho Mundial de Igrejas, que lançou as bases do que seria posteriormente o CMI. No ano de 1939, na Índia, o Conselho Missionário Internacional mostrou o interesse de também formar parte desta iniciativa. Após um período de formação e estruturação desse novo organismo, no dia 22 de agosto de 1948, na cidade de Amsterdã, Holanda, 147 igrejas de 44 países que

---

<sup>34</sup> RIVERA, Dario Paulo Barrera. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José (Org.). *Teologia na Pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 438.

<sup>35</sup> ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mario Bueno. *Andarilho da Esperança*. Paulo Freire no CMI. São Paulo: ASTE, 2005.

representavam famílias confessionais do mundo cristão, com exceção da Igreja Católica, reuniram-se para a fundação do CMI.<sup>36</sup>

Na atualidade, o Conselho Mundial de Igrejas reúne em torno de 350 igrejas de mais de 110 países, representando por volta de 600 milhões de adeptos.<sup>37</sup> Com sede em Genebra, na Suíça, apoia e coordena atividades ecumênicas estruturadas em quatro setores (Estudo e Ação, Relações, Comunicação e Finanças) e quatro comissões (Fé e Ordem, Missão e Evangelização, Justiça, Paz e Criação e Educação e Formação Ecumênica).<sup>38</sup>

O amadurecimento da consciência ecumênica no catolicismo foi mais lento. Ainda que o seu ponto de inflexão tenha sido a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), as relações com outras igrejas dentro do CMI foi na condição de observadora, constituindo desde 1965 um grupo misto de trabalho, para refletir sobre questões importantes acerca do ecumenismo, mas sem poder decisório.

Passadas cinco décadas, é possível perceber que as aproximações entre as diversas igrejas não são tão intensas e significativas como almejado na criação do CMI.<sup>39</sup> Contudo, deve-se reconhecer que nestes anos o esforço de aproximação ecumênica das igrejas tem-se concretizado em importantes documentos: Batismo, Eucaristia e Ministério; a Declaração conjunta católica e luterana sobre justificação pela graça e fé; a Declaração conjunta católica e anglicana.

Apesar das dificuldades encontradas na discussão de temas eclesiológicos, o diálogo tem evoluído.<sup>40</sup> Para Yves Congar o problema fundamental é combinar a unidade e a diversidade. Sua proposta consiste em que cada igreja reinterprete seus escritos normativos e consiga repensar seus dogmas à luz da Sagrada Escritura e das demandas

---

<sup>36</sup> VISSER'T HOOFT, W. A. *The Genesis and formation of the World Council of Churches*. Genebra: CMI, 1982.

<sup>37</sup> WORLD COUNCIL OF CHURCHES. Disponível em: <https://www.oikoumene.org> Acesso em: 12 de maio de 2015.

<sup>38</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Uma Igreja de todos e para todos: uma declaração provisória*. Tradução de Iara Müller e Werner Ewald. São Paulo: ASTE, 2005.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Rui A. Costa. Esforços no diálogo ecumênico, inter-religioso e intereclesial. *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, ano IV, n. 7-8, p. 141-160, 2005.

<sup>40</sup> GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

evangélicas da realidade atual para encontrar o núcleo essencial da sua tradição de modo a caminhar na direção de uma fé partilhada.<sup>41</sup>

Outro grande incentivador desta caminhada ecumênica entre as diferentes denominações cristãs, o teólogo Hans Küng, entende que é preciso voltar à mensagem cristã originária, ao evangelho, com critérios exegéticos rigorosos, para avaliar a tradição eclesiástica e as confissões cristãs e chegar à conclusão de que as diferenças confessionais não justificam mais a divisão. Sua crítica dirige-se para a estrutura hierárquica e rígida da Igreja Católica e do conceito de infalibilidade, embora afirme, ao mesmo tempo, o primado ministerial de Pedro.<sup>42</sup>

Para Küng, um sentido ecumênico mais abrangente deveria possibilitar a integração de diferentes atitudes de fundo: catolicidade como senso de unidade e da continuidade da tradição de fé, uma 'evangelicidade' como referência ao Evangelho e também como exigência de uma contínua reforma interior da Igreja.

Küng<sup>43</sup> parte do conceito de paradigma enquanto modelo interpretativo de uma nova leitura da história da Teologia. Propõe uma Teologia que consiga ter o presente como experiência e o horizonte do Evangelho como norma crítica. Supõe uma Teologia que seja ao mesmo tempo católica, evangélica, tradicional, cristocêntrica, ecumênica e pastoral. Uma Teologia concreta, criativa a serviço do entendimento entre as religiões e da paz entre os povos.

Numa época de pluralismo religioso, tal como descrito por Paul Knitter,<sup>44</sup> a pergunta que necessita ser adequadamente respondida é se teria que ser elaborada uma nova teoria das religiões que renunciasse à afirmação do caráter de unicidade do evento de Cristo. O perigo, sem dúvida, é a perda de uma identidade da teologia cristã e, talvez, de sua capacidade para estabelecer um diálogo bem fundamentado, construtivo, aberto e equilibrado. O desafio continua sendo o de conjugar a normatividade do evento de Cristo com a ecumenicidade em um horizonte dialógico.

---

<sup>41</sup> CONGAR, Yves-Marie. *Igreja e Papado*. São Paulo: Loyola, 1997.

<sup>42</sup> KÜNG, Hans. *Para que um Ethos Mundial?* São Paulo: Loyola, 2005. p. 270-285.

<sup>43</sup> KÜNG, Hans. *Teologia a caminho*: Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

<sup>44</sup> KNITTER, Paul E. *Introdução a Teologia das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Um aspecto de grande relevância tem a ver com a promoção de um critério ético ecumênico fundamental. Neste sentido, se as religiões estão a serviço da promoção da vida e da humanidade, devem ir além da informação, da discussão e do diálogo nas suas relações. Cabe-lhes procurar um entendimento e colaboração que permita consolidar uma teologia promotora da paz entre as religiões e, por conseguinte, entre os povos.

A pluralidade étnica, cultural e religiosa do continente latino americano é uma riqueza e um desafio para as igrejas, na medida em que abre perspectivas e, ao mesmo tempo, leva a atitudes de competição e proselitismo exacerbados. O crescimento dos movimentos pentecostais e neopentecostais, as expressões carismáticas, indígena e afro, introduzem novos elementos para a análise, compreensão e interação entre as religiões.<sup>45</sup>

A condição para que o princípio do diálogo entre pessoas, comunidades e tradições religiosas distintas consiga ser viabilizado de forma satisfatória, implica atenção, respeito e acolhimento. É diálogo de vida, de colaboração, de partilha teológica e comunhão espiritual. O encontro respeitoso e o diálogo afirmando a vida e sua dignidade em meio às exclusões são exigências para comunidades que na sua caminhada ecumênica pretendam a convivência, a comunhão, a superação das adversidades dogmáticas, sociais e culturais.

## Considerações Finais

A diversidade cultural e religiosa brasileira é marcada por diferentes interações, mediações e práticas religiosas. Os novos grupos religiosos, por exemplo, investem grandes esforços para a concretização do bem-estar humano, com inúmeras promessas e alternativas. É possível perceber situações particulares e circunstanciais do cotidiano para que o indivíduo esteja vinculado a uma determinada denominação eclesiástica.

---

<sup>45</sup> ALTMANN, Walter. O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo em América Latina. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.) *Sarça ardente*. Teologia em América Latina: Perspectivas. São Paulo: Paulinas, SOTER, 2000.

O campo religioso brasileiro vem sendo caracterizado, sobretudo, pelas mudanças significativas impactadas pelos processos globais. Neste sentido, é oportuno ressaltar o fato de que a religião e a ordem global se interpenetram. Há também uma proximidade de fronteiras entre sistemas simbólicos; uma hibridização de práticas religiosas; um pluralismo acentuado; o desenvolvimento de identidades particulares; uma religiosidade sublinhada pelas escolhas do indivíduo e a midiatização do fenômeno religioso.<sup>46</sup>

Faz-se necessário promover a dignidade e o entendimento humano a partir da valorização da identidade cultural e religiosa, reconhecendo, a partir de uma atitude dialógica o multiculturalismo do mundo globalizado. Já não é possível fazer teologia na atualidade sem estabelecer um diálogo com a sociedade contemporânea e, por conseguinte, com a comunidade acadêmica no sentido de descortinar horizontes, realçar afinidades, esmiuçar oportunidades e propor alternativas.

O diálogo enquanto categoria fundamental da teologia contemporânea é respaldada, em grande medida, por aqueles e aquelas que se empenham em valorizar a abrangência e legitimidade de uma Teologia Pública como diretriz para a interação na sociedade contemporânea.<sup>47</sup> O grande desafio continua sendo o de viver o diálogo como *lugar* teológico privilegiado de reflexão e prática e, neste sentido, de manifestação da graça e salvação divina.

## Bibliografia:

- ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio Vaticano II**. Tradução de Clóvis Bovo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ALTMANN, Walter. **O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo em América Latina**. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.) *Sarça ardente*. Teologia em América Latina: Prospectivas. São Paulo: Paulinas, SOTER, 2000.

---

<sup>46</sup> MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>47</sup> SINNER, Rudolf von. Teologia pública no Brasil. Um primeiro balanço. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 44, n. 122, p. 11-28, jan./abr. 2012.

- ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mario Bueno. **Andarilho da Esperança.** Paulo Freire no CMI. São Paulo: ASTE, 2005.
- ANGELIN, Rosângela. **O Reconhecimento da Identidade Multicultural diante da Dignidade da Pessoa Humana.** In: MADERS, Angelita; ANGELIN, Rosângela (orgs.). *Multiculturalismo em Foco.* Santo Ângelo, FuRI, 2010.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung.** Paderborn: Verlag Bonifacius-Druckerei, 1972.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CONGAR, Yves-Marie. **Igreja e Papado.** Tradução de Marcelo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1997.
- FAGGIOLI, Massimo. “*Gaudium et Spes*” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente. São Leopoldo: IHU/UNISINOS, Ano XII, n.95, Vol. 12, 2015.
- FERRETTI, Sergio F. **Repensando o Sincretismo.** São Paulo: EDUSP, 1996.
- GABRIEL, Ingeborg. **Erinnerung in die Zukunft: Das Zweite Vatikanische Konzil.** Freiburg i. B.: Herder, 2012.
- GEFFRÉ, Claude. **Croire et interpréter: le tournant herméneutique de la théologie.** Paris: Cerf, 2001.
- GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX.** Tradução de João Paixão Neto. São Paulo: Loyola, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUERRIERO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos.** O Quadro Brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da Pós-Modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora – identidades e mediações.** Tradução de Adelaine Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido – a religião em movimento.** Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo.** São Paulo: Loyola, 1987.

- KNITTER, Paul E. **Introdução a Teologia das Religiões**. Tradução de Luiz Fernando Gonçalves Pereira. São Paulo: Paulinas, 2008.
- KÜNG, Hans. **Teologia a caminho**: Tradução de Hans Jörg Winter. Fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Para que um Ethos Mundial?** Tradução de Alfred Keller. São Paulo: Loyola, 2005.
- MATOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à história da igreja**. Belo Horizonte, O Lutador, 1997.
- MONTERO, P. & ALMEIDA, R. “O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas” In: RATTNER, H. (org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- MOREIRA, Alberto da Silva. **O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate**. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (Orgs.). *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- OLIVEIRA, Rui A. Costa. **Esforços no diálogo ecumênico, inter-religioso e intereclesial**. *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, ano IV, n. 7-8, p. 141-160, 2005.
- ORO, Ari Pedro. In: SILVA, V.G. da. **Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 29-70.
- PALÁCIO, Carlos. **Trinta anos de teologia na América Latina**. In: L.C.SUSIN (Org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola/SOTER, 2000.
- RIVERA, Dario Paulo Barrera. **Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade**. In: TRASFERETTI, José (Org.). **Teologia na Pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 437-464.
- SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo**. Tradução de Loureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 1999.
- SINNER, Rudolf von. **Teologia pública no Brasil. Um primeiro balanço**. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 44, n. 122, p. 11-28, jan./abr. 2012.
- STEIL, Carlos Alberto. **Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações no Campo Religioso**. *Ciencias Sociales Y Religión*, Porto Alegre, año 3, n. 3, out. 2001, p. 115-129.
- TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Tradução de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

VIGIL, José Maria. **Por uma espiritualidade pluralista da libertação.**

In: BARROS, Marcelo; TOMITA, Luiza Etsuko (orgs.). **Teologia latino-americana pluralista da libertação.** São Paulo: Paulinas, 2006.

VISSER'T HOOFT, W. A. **The Genesis and formation of the World Council of Churches.** Genebra: CMI, 1982.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES. Disponível em: <https://www.oikoumene.org> Acesso em: 12 de maio de 2015.

Recebido em: 27/07/2015

Aprovado em: 29/09/2015